

Confissão, racionalismo e sedição: a súplica humilde da obra *Medicina Theologica*

Rossana Agostinho Nunes\*

### Resumo

O objetivo deste trabalho é o de compreender a tensão entre os pensamentos científico e religioso que perpassa a obra *Medicina Theologica*, publicada, anonimamente, em Portugal no ano de 1794, e que, diante do seu conteúdo, foi alvo de uma investigação de que ficou encarregado Pina Manique, Intendente Geral de Polícia de Lisboa.

Palavras-chave: Religião. Ciência. Confissão. Medicina.

### Abstract

The objective of this paper is to understand the conflict between scientific and religious thought involved in the book *Medicina Theologica*, anonymously published in Portugal in 1794 and that was investigated by Pina Manique, General Manager of Lisbon's Police, because of its content.

Key-Words: Religion. Science. Confession. Medicine.

Era dia 20 de novembro de 1794 quando, em Portugal, saiu à venda a obra *Medicina Theologica*. Avaliada pela Real Mesa da Comissão Geral, órgão encarregado do sistema de censura, a obra obteve a aprovação para circular. O problema maior adveio, porém, não dos trâmites legais pelos quais a obra teve que passar até conseguir o aval para ser impressa, mas sim uma vez posta à venda.

O público leitor, ou pelo menos, parte dele, não gostou do que leu nas páginas do novo livro. Logo a obra causou alvoroço e queixas que chegaram ao trono: clamores de que era perigosa ecoaram em algumas bocas. Diante da confusão, a obra foi recolhida, tendo início

---

\* Aluna do curso de graduação em História da UFF. Bolsista PIBIC-CNPQ vinculada ao projeto “Letrados do Império: Trajetórias, Conceitos e Linguagens Políticas no Mundo Luso-Brasileiro (1750-1830)” e orientada por Guilherme Pereira das Neves.

uma investigação para descobrir o nome de seu autor, de que ficou encarregado o Intendente de Polícia de Lisboa, Diogo Inácio de Pina Manique(SILVA, 1859, v. 7).

Parece difícil não ficar curioso quanto ao conteúdo de tão perigoso livro que, nas palavras do Intendente, ameaçava com tristes conseqüências. Ele relatava que a obra ameaçava a sagrada religião e o trono. O seu relato prosseguia em um tom de preocupação. Demonstrando a necessidade de tomar medidas para combater o mal citava o caso francês, lembrando o

*que acontecia em Paris, e em toda a França, cinco annos antes do anno de 89, pelas tabernas, pelos cafés, pelas praças e pelas assembleas; a liberdade e indecência com que se falava nos mysterios mais sagrados da religião catholica romana, e na sagrada pessoa do infeliz rei, e da rainha (...).(SILVA, 1859, v.7).*

O livro *Medicina Theológica* apresenta-se como uma súplica, feita pelo anônimo, a todos os confessores. A súplica refere-se aos modos de proceder na cura dos pecados, sobretudo, os da *lascívia*, da *coléra* e da *bededice*. De antemão, já é possível adiantar que o argumento defendido pelo anônimo não encontra paralelo em nenhuma das discussões que ocorreram, entre os especialistas da confissão, sobre a forma de administrar o sacramento da Penitência. Ao longo do livro, duas dimensões, para muitos até hoje excludentes, eram postas em cena: a religião e a ciência. No entanto, longe de ocuparem um lugar igualitário no texto, era o pensamento científico que tinha primazia sobre o religioso. Demarcava-se a disputa entre duas formas distintas de compreender a realidade a partir de um certo ponto de vista.

Segundo o pensamento teológico católico, o confessor deveria conjugar em si quatro qualidades no exercício do sacramento da Penitência: de pai, de doutor, de juiz e de médico (GAUME, 1880). A presente obra aproveita justamente essa qualidade de médico que julgavam necessária aos confessores a fim de desenvolver seus argumentos. Segundo o autor, o ofício de médico estava sendo limitado pelos teólogos ao afirmarem que os confessores eram médicos do espírito, quando era necessário que fossem também médico do corpo. Isto porque, alma e corpo estando unidos e em mútua correspondência, não haveria ação que ocorresse em um sem que o outro se ressentisse da mesma. Partindo desta mútua correspondência, a qual era mediada pelos nervos, o autor buscava demonstrar que as enfermidades espirituais tinham as suas causas nas enfermidades do corpo; logo, para curá-las, deveria o confessor curar antes as corporais. Ou seja, os pecados, ao originarem-se de enfermidades corporais, necessitavam, para serem extirpados, que as enfermidades do corpo fossem curadas, o que devia ser feito a partir do uso de remédios físicos retirados da natureza, já que os remédios morais utilizados pela Igreja e, com os quais buscava-se emendá-los, não

demonstravam sucesso. Por isso era necessário que o confessor fosse também médico do corpo, para o que bastava-lhe o conhecimento da neurologia, já que era por intermédio dos nervos que se dava a comunicação entre o corpo e a alma e se produziam as paixões humanas como as da *lascívia*, *cólera* e *bebedice* (FRANCO, 1794). Estas idéias, um tanto estranhas a primeira vista, são a base do livro que, de fato, numa primeira leitura parece confuso ao misturar questões teológicas com discussões médicas científicas correntes à época.

Apesar disso, ao longo da narrativa fica nítida a tentativa de introduzir o saber científico dentro das questões teológicas. O que, no extremo, ao adquirirem novos sentidos e significados, significava a reestruturação de muitos elementos religiosos. O que se evidencia, mais até do que uma simples oposição entre ciência e religião, portanto, é a invasão do campo religioso pela medicina científica e racional.

Essa reestruturação de alguns significados, embora ocorra com o sacramento da Penitência como um todo, pode ser percebida quando se analisa a idéia de pecado que transparece da narrativa. Ao perceber que não se curava o pecado apenas com jejuns e orações e que o penitente não podia fugir dele através unicamente de sua vontade, este ganhava um novo significado. O pecado passava a ser menos fruto das tentações do demônio para situar-se em outro plano: o da doença física. O argumento é que o pecado procedia, em muitos casos, de doenças corporais, que após enfraquecerem o indivíduo e penalizarem a sua alma – já que corpo e alma estavam diretamente relacionados – tanto o podiam conduzir ao pecado, quanto à morte. Como ele mesmo afirmou: *o espírito deixaria de pecar se o corpo estivesse são*. (FRANCO, 1794: 26) Ora tendo as enfermidades da alma suas causas no corpo, logo também os remédios para curá-las haveriam de ser corporais. Rearfirmava-se a necessidade de o confessor ser médico do corpo, sem o qual seria impossível que fosse um bom confessor e conseguisse atingir os objetivos de sua atuação que era o da salvação das almas.

No livro, o autor busca sempre causas corporais, fundadas na experiência e na razão, para explicar enfermidades que os confessores encaravam como pecados, no sentido mais ortodoxo, uma vez que os relacionavam tanto à transgressão da lei quanto às tentações do demônio e do mundo (SANTA ANNA, 1799: 71-76). A medicina passava a tomar conta do ofício dos confessores, de modo que bastava ela e, mais especificamente, o conhecimento do *jogo dos nervos*, para que a obrigação dos confessores se cumprisse com sucesso. Discussões que costumavam ter lugar entre os especialistas da confissão, sobre o sacramento da Penitência, como aquelas que versavam sobre os motivos do arrependimento – se ocorriam por conta do amor de Deus ou pelo medo do inferno – ou ainda sobre a misericórdia divina para com os pecadores que se confessavam (DELUMEAU, 1991) deram lugar a um discurso

materialista que, a partir da razão e da experiência, buscava as causas do pecado em enfermidades corporais das quais o penitente não podia curar-se verdadeiramente sem o recurso a remédios físicos medicinais.

Ao analisar a obra como um todo percebem-se dois movimentos. Primeiro fica nítida a existência dessa tensão entre duas formas distintas de encarar uma mesma temática. Entretanto, no caso da obra *Medicina Theologica*, a tensão não se encerra em uma diferença de percepção que um leitor de fora e conhecedor de ambas seja capaz de perceber. No fundo ultrapassa-a, revelando a tentativa de penetração do pensamento racional – a ciência médica da época – no pensamento religioso com o intuito de modificá-lo, senão totalmente, pelo menos, no que tange à confissão. Oscilando entre a sutileza e a ironia, as questões propostas no livro, caso postas em prática, significariam a dessacralização do sacramento da confissão.

Nos limites deste texto, ficou excluída a trajetória do autor do livro, o médico luso-brasileiro Francisco de Mello Franco. Embora revestida por uma dimensão mediada pelo segredo, essa trajetória também revela uma dimensão mais pública e aberta, que engloba, entre outros, o seu relacionamento com a Coroa portuguesa. Dessa forma, longe de se excluírem, as representações construídas por Pina Manique, os discursos anônimos e o relacionamento com a monarquia ao dialogar ao redor de um mesmo indivíduo, permitem a compreensão de alguns dos aspectos que compõem a sociedade portuguesa de finais dos Setecentos e abrem outras perspectivas de pesquisa.

#### Bibliografia:

- ANNA, Manoel de Santa. *Dissertações theologicas medicinaes* Lisboa: Regia officina typografica. II tomos. 1799.
- DELUMEAU, Jean. *A confissão e o perdão: a confissão católica*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.
- FRANCO, Francisco de Melo. *Medicina Teológica*. São Paulo: Editora Giordano. 1994.
- GAUME, Padre J. *Manual dos Confessores*. Porto: Casa de A. R. da Cruz Coutinho, 1880
- SILVA, Inocêncio Francisco da. “Medicina Theologica”. In: *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1859-60. v. 7.